

Editorial nº 4 – Porque não há crédito? (parte 2)

Nas condições de muito **reduzida confiança** que prevalecem no mercado, os **bancos refugiam-se em operações mais seguras**, nomeadamente as relacionadas com a **dívida pública e cambiais**.

A redução da dívida exige que o **OGE seja superavitário**, não apenas no sentido do superavit não financeiro, como tem sido enfatizado, mas sim do **saldo excluindo as operações de dívida**. Dito de outra forma, o saldo orçamental que importa considerar é o simétrico do saldo da dívida: se o saldo da dívida for negativo, o saldo orçamental é positivo; **se a dívida líquida aumentar, o saldo orçamental é negativo no montante do crescimento da dívida**.

Os últimos 2 saldos orçamentais foram apresentados como superavitários, **no valor de 462 e 596 mil milhões de Kwanzas, respectivamente, em 2018 e 2019. Contudo, a dívida Governamental nominal aumentou** cerca de 1 bilião, em 2018, e 2,5 Biliões, em 2019.¹ **Para além do problema da falta de transparência, uma vez que o destino de cerca de 4,5² biliões não é convenientemente explicado, temos, no que toca ao tema deste texto, o efeito de repulsão do crédito.**

Embora não directamente, a dívida externa contribui para a deterioração cambial e a disponibilidade de divisas, o que deteriora o ambiente de negócios e a confiança, e consequentemente, o crédito. Olhando apenas para o aumento nominal da **dívida interna**, que tem influência directa sobre o crédito, temos um **crescimento de 200 mil milhões, em 2018, e 1.567, em 2019, ou seja, 1,77 mil milhões nos 2 últimos anos. Os lucros bancários com operações de dívida cresceram, tornando as operações de crédito cada vez menos apetecíveis!**

Os economistas costumam dar mais importância ao efeito de **redução das disponibilidades**. **Não nos parece esta teoria se aplicar**, hoje, ao nosso mercado: o principal problema tem a ver com a confiança. **O sistema bancário possui elevada disponibilidade, mas, devido ao elevado risco, havendo alternativa, prefere não conceder crédito!**

Os lucros da banca têm uma forte componente proveniente das **operações de crédito ao Estado** o que permite uma **boa rentabilidade com risco reduzido**. Isto significa que as **medidas tradicionais** para reduzir o efeito negativo da dívida pública sobre o crédito **poderão não funcionar** neste contexto: **o controlo sobre a taxa de juros não tem sido eficaz porque** a banca considera que as **taxas mais reduzidas não compensam o risco**; e os bancos parecem dispor de **liquidez excessiva**, pelo que **medidas para o aumento da liquidez dificilmente produzirão resultados**.

Em conclusão, **só a redução substancial da dívida pública e dos seus juros** (o que só poderá conseguir-se reduzindo o seu montante) **poderá constituir suficiente incentivo para o aumento do crédito**: vendo os seus lucros reduzidos, a banca ver-se-á obrigada a procurar fontes alternativas de rendimentos.

Outra fonte de rendimento preferencial do sistema bancário é o relacionado com **operações cambiais**. Continuando a haver **escassez de divisas, a banca tem beneficiado de rendimentos monopolistas neste mercado**. A solução poderia ser a concorrência entre bancos, mas, a complexa burocracia para a abertura de contas e as elevadas taxas das transferências entre bancos, limitam fortemente a concorrência, conferindo aos bancos uma posição dominante face aos seus clientes.

Pensamos que **o BNA, como regulador, deveria impedir este abuso da posição dominante da banca**. Seria aconselhável uma acção administrativa do regulador, **limitando taxas e “spreads”**, pelo menos enquanto não existirem condições de livre concorrência que permitam aos clientes

1 Em 2018, 947 mil milhões; em 2019, passou de 21,7 para 32,1 biliões de Kwanzas (cerca de 10,4 biliões). Parte deste crescimento corresponde apenas à valorização da dívida em moeda estrangeira. Corrigindo a desvalorização (por aproximação considerámos toda a dívida em moeda estrangeira ou indexada, como estando denominada em USD), o crescimento da dívida passa de 10,4 biliões para 3,0 biliões. Fonte: Relatórios de Execução do MinFin.

2 Somando os saldos (462+596) e o incremento da dívida (947+2.446) obtemos um montante de 4.451 mil milhões de Kwanzas. Fonte: a mesma.

mudar de banco, forçando os preços a aproximarem-se do equilíbrio entre oferta e procura; e, **evidentemente, eliminar as condições que permitem esta posição de domínio do mercado.**

Creemos que, nas actuais condições, só com uma forte limitação dos ganhos do sistema bancário nas operações de dívida pública e cambiais poderá o BNA promover o aumento do crédito!

Na próxima **sexta-feira, analisaremos a questão da confiança.**

Luanda, 18 de Outubro de 2020

Heitor Carvalho

Director do Cinvestec